



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 4, v. 1 | nov 2015.-abr. 2016
p. 242-253.

Pedagogias da lampadada ou... as bichas se digladiando

Alexsandro Rodrigues¹

Mateus Dias Pedrini²

Pablo Cardozo Rocon³

RESUMO: Este texto se propõe a refletir sobre uma prática do fazer bicha pouco problematizada entre elas: a lampadada e as violências proporcionadas por ela. Com as produções de Guy Hocquenghem e Michel Foucault, percebemos que problematizar tais práticas torna-se um ato político no cotidiano das bichas, pois a lampadada, em seu curioso ato de violência, parece ter muito a nos ensinar do que propriamente algo que deve ser rechaçado. Nesse sentido, questionamos aquilo que a produz, advindo não somente de uma figura “homofóbica”, mas também entre os próprios sujeitos que se consideram vítimas dela. Defender-se e atacar são consequências dos jogos de poder que criamos em nossas relações com o outro que parece tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante. Por isso, se você ver uma bicha dando lampadada em outra na rua, não ouse tentar interromper ou ajudar... Afinal, ambas querem que este momento que estão vivendo aconteça.

PALAVRAS-CHAVES: Lampadada; Michel Foucault; Guy Hocquenghem; violência; bicha.

Abstract: This text intends to problematize a queer practice not so questioned among them: the lamp attack and violence provided by it. With the productions of Guy Hocquenghem and Michel Foucault, we realize that questioning such practices becomes a political act in the daily lives of queers because the lamp attack, in its curious act of violence seems to have much to teach us and should not be something to be rejected. Accordingly, we question what produces it, coming not only from a "homophobic" figure, but also among the subjects who consider themselves victims of it. Defend and attack are consequences of power games that we create in our relations with one another that seems so close and at the same time so far. So, if you see a fag attacking another fag in the street with a lamp, do not dare trying to stop or help ... After all, both of them want that this moment that they are living happen.

Keywords: Lamp attack; Michel Foucault; Guy Hocquenghem; violence; queer.

Resumén: Este artículo tiene como objetivo discutir una práctica de hacer maricón poco problematizado entre ellos: la “lamparada” y las violencias practicadas por ella. Con las producciones de Guy Hocquenghem y Michel Foucault, nos damos cuenta de que preguntas tales como las prácticas se convierten en un acto político en la vida cotidiana de los homosexuales porque la “lamparada”, en su curioso acto de violencia parece tener mucho que enseñarnos, mas lo que ser rechazada. En consecuencia, nos preguntamos qué lo produce, ya que son precedentes no solo de una figura “homofóbica”, pero también entre los que se consideran víctimas de la misma. Defenderse y atacar son consecuencias de los juegos de poder que creamos en nuestras relaciones con los otros que parece tan cerca y al mismo tiempo tan lejos. Así que si tuvieses un maricón dando lamparada en otro en la calle, no se te ocurra detenerlo o ayudarlo ... Después de todo, los dos quieren que esto suceda cuando ellos están viviendo.

Palabras clave: ataque de la lámpara; Michel Foucault; Guy Hocquenghem; violencia; marica.

¹ Doutor em educação e professor da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: xela_alex@bol.com.br

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

³ Estudante de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Recebido em 06/01/15
Aceito em 07/08/15

1. Armando o circo

Imagine as bichas⁴! De todos os lugares do mundo, de todas as cores, todos os credos, todas as (des)crenças, todos os tipos e formas se reunindo para uma batalha épica. Barbies, pães-com-ovo, monas, Elzas, poc-pocs, cacuras, envelhecetes, novinhas, ursos, afetadas, ativistas, enrustidas, finas, fashionistas, no armário... enfim, toda gama possível de bichas que se pode imaginar⁵ decidem resolver seu problemas da forma que sabem fazer de melhor: no braço.

Imaginou? Ótimo. Agora imagine um local onde isso seria possível. Pode ser uma grande arena de luta (como o Coliseu); pode ser nos lugares onde as vemos em nosso cotidiano (boates, bares, em casa, na faculdade, etc), pode ser na arena onde acontecem os Jogos Vorazes (para o alento das bichas que amam uma cultura pop⁶). O lugar não importa, mesmo porque essa guerra também acontece no dia-a-dia das bichas e o que toma peso aqui é o desejo de sair na porrada com a outra.

E na plateia dessa batalha estão as outras letras dessa sopa-de-letrinhas chamada “diversidade sexual” (L’s, B’s, TTTT’s, I’s), apostando em seus favoritos, rindo, debochando, vivendo aquele espetáculo que acontece diante de seus olhos. Muitas querem desesperadamente ver; outras vão embora, pois estão cansadas de assistir aquilo todos os dias e preferem se ocupar de coisas mais importantes. Muitas também vão querer impedir, entrar na arena, ajudar a defender ou a matar a outra bicha. Mas esses sujeitos sabem muito bem do tipo de espetáculo que estão presenciando e sabem também do peso que essa situação representa. Porém, simplesmente não podem fazer nada por isso, pois este é momento das bichas, as únicas que podem agir perante essa situação.

Como as bichas irão se organizar nessa luta? Bem, não importa. Sozinha, em conjunto, defendendo aquelas que lhe parecem mais semelhantes, a bicha sempre irá adotar estratégias mil para se defender nessa situação. Mas o que marca esse momento e que talvez mais caracterize essa batalha é o uso de uma arma muito peculiar: a lâmpada fluorescente. Sim, elas usam (e gostam muito dela) com todo o prazer do mundo para atacar a outra, pois uma lampadada é prática, rápida,

⁴ A palavra “bicha” aqui é empregada em um caráter político. A proposta do uso de tal palavra não é menosprezar tal categoria, mas potencializá-la a partir de um termo considerado tão pejorativo.

⁵ Caso tenha alguma dificuldade em imaginar que tipos de bicha poderiam estar nessa batalha, sugerimos que assista ao vídeo *A drag a gozar*. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tAbXi9xpY-8>. Acesso em 16 de agosto de 2014.) e leia o texto “25 tipos de gays”, do blog “Dois perdidos na noite” (Disponível em: <http://doisperdidosnanoite.blogspot.com.br/2010/12/25-tipos-de-gays.html>. Acesso em 16 de agosto de 2014).

⁶ Jogos Vorazes é um romance distópico criado por Suzanne Collins que se passa em uma nação chamada Panem. Formada por 12 distritos, ela é comandada pela Capital, sede do governo e que todos os anos sedia os ‘Jogos Vorazes’, uma batalha transmitida pela televisão em que um garoto e uma garota de 12 a 18 anos de cada distrito são selecionados e obrigados a lutar até a morte e o único a sobreviver ganha a edição daquele mesmo ano.



eficaz, afeta a moral da outra, que reage quase que no mesmo instante, em resposta a humilhação sofrida. Assim é criada uma reação em cadeia, em que todas as bichas estão oferecendo e recebendo lampadadas gratuitas umas contra as outras, tecendo uma rede na qual todas estão envolvidas.

Está iniciada uma guerra, que é caracterizada por uma curiosa arte do fazer bicha: a lampadada.

2. Minha lâmpada é o poder

Partimos de uma noção de lampadada por um fato ocorrido na Avenida Paulista (São Paulo) na madrugada de 14 de novembro de 2010, quando dois jovens foram violentamente atacados por um grupo de cinco pessoas por terem sido considerados homossexuais (MACEDO, 2010). Um dos jovens foi abordado na rua, a caminho de casa e, ao se virar, recebeu no rosto um golpe de uma lâmpada fluorescente e, após outro golpe de outra pessoa do grupo, os agressores- gritaram: “suas bichas, vocês são namorados. Vocês estão juntos”. A ação deles foi imediata, que reagiram após o ataque (nas palavras do próprio jovem “Se não tivesse reagido, teria apanhado menos, mas não me arrependo”).

Esse caso ganhou repercussão pelo país, principalmente pela violência deferida pelo grupo contra os jovens. O ato se tornou mais um exemplo do fascismo nosso de cada dia, dia após dia se fazendo acontecer nas ruas de nossas cidades. Esse se tornou mais um desses momentos que “fala sobre a miséria do pobre, a miséria da diferença e de outras mais. Convivemos lado a lado, por essas multidões, com expressão crua e seca da violência contra a condição humana” (BAPTISTA, 1999, p. 46). Esses são os verdadeiros amoladores de faca de nosso cotidiano, os ditos “cidadãos-de-bem” (muitas aspas nesse termo, por favor) em sua jornada messiânica para limpar o mundo das garras daqueles que consideram não-humanos, indignos do viver.

Pois bem: é pensando nesse cenário da violência proporcionado pela lampadada que gostaríamos de problematizar a forma como tais violências atingem as figuras consideradas marginalizadas, ou seja, as próprias bichas. São violências que acontecem diante de nossos olhos, mas que fazemos questão de ignorar pelos mais diversos motivos. Mas por que as bichas perderiam seu tempo com um ato tão cruel (afinal, elas são as grandes vítimas da lampadada, certo?)? Ora, pelos mesmos motivos do grupo apresentado na reportagem: a morte da bicha ou, mais especificamente, de modos de ser/fazer bicha.

Uma coisa deve ser levada em consideração a respeito do termo morte: ela não precisa acontecer somente de forma física pois, na verdade, ela não acontece dessa forma na maioria das



vezes. Guy Hocquenghem (1980) relembra a atitude das bichas perante a morte do cineasta Pier Paolo Pasolini, assassinado em 1976 por um homem com quem estava se encontrando. A reação das bichas foi imediata e, para elas, o crime estava premeditado: Pasolini queria morrer e não havia nada que podia ter sido feito a respeito, pois não pode se esperar boa conduta de sujeitos que procuram fazer parte da pegação. Hocquenghem reflete a respeito desse modo de pensar, uma vez que “o assassino é um personagem frequente para o homossexual, não somente por masoquismo, culpabilidade assumida ou gosto de transgressão, mas porque se trata de uma possibilidade real de encontro” (HOCQUENGHEM, 1980, p. 122). Assim, o peguete de Pasolini não foi o único responsável pelo assassinato do cineasta, mas todas as bichas também levantaram suas lâmpadas contra o cineasta: Pasolini não precisava estar morto fisicamente para estar morto no discurso das bichas.

É pensando nessa situação que cabe-nos perguntar: afinal, o que a bicha e o grupo que atacou os jovens em São Paulo têm em comum? Podemos destacar, talvez, o fascismo presente em tais atos, pois Foucault (1999) nos ensina que as atitudes de soberania e opressão migraram de um fazer morrer e deixar viver (presente na figura soberana do rei, único capaz de decidir quais vidas eram dignas de continuar existindo e quais estavam sentenciadas à morte) para nós, mortais, figuras do cotidiano, atuando em um fazer viver e deixar morrer. Assim, a lampadada não se constitui somente em uma relação homofóbico–bicha, mas também se faz fortemente na relação bicha-bicha. Afinal, onde estão as lampadadas de nosso cotidiano? Onde estão as bichas orgulhosas em deferir golpes contra as outras? Talvez Baptista nos ajude a responder tais questões (ou, talvez, até criar mais):

O que os amoladores de facas têm em comum é a presença camuflada do ato genocida. São genocídios, porque retiram da vida o sentido de experimentação e de criação coletiva. Retiram do ato de viver o caráter pleno de luta política e o da afirmação de modos singulares de existir. São genocídios porque entendem a Ética como questão da polícia, do ressentimento e do medo. Não acreditam em modos de viver, por que professam o credo da vida como fardo ou dádiva. (BAPTISTA, 1999, p. 49)

As bichas também atuam como amoladoras de faca, reguladoras de biopolíticas na produção de corpos, atitudes, modos de vida mais desejáveis para o fazer viver. Quer ver que temos razão? Pois então, pare de ler este texto agora e peça para a primeira bicha que surgir na sua frente lhe mostrar sua bolsa/mochila. Peça gentilmente para que veja o conteúdo que tem dentro nela (isso é importante, pois você pode ser a próxima vítima dela). Verifique com atenção e, com certeza, você ira encontrar lá dentro, escondida em algum cantinho, uma lâmpada fluorescente esperando para ser estourada na cara da primeira que lhe provocar. Mas de que formas elas entram em ação? Simples,



num pequeno gesto, como falar mal da outra quando vira as costas, quando ela espalha para as outras o tamanho do pinto do cara com quem ficou ontem, quando fala mal do look do dia da outra, quando ela tenta adivinhar no olhar quem é passiva e/ou ativa da relação, entre outros modos de micro-fascismos que só a bicha sabe fazer muito bem.

Não buscamos com esses exemplos essencializar um comportamento bicha, mesmo porque os micro-fascismos não são exclusividades delas - basta lembramo-nos de nossos amigos homofóbicos citados na reportagem do início do texto. Mas é pensando nesses mesmos exemplos (que podem ser tantos outros que nos esquecemos de trazer neste texto) que percebemos que a lampadada não está fechada em si mesma, mas ela sempre se desdobra, ramifica para outros sujeitos e identidades, como um vírus de computador que vai passando sem limites para os outros. Nessa rede que criamos, somos atores de uma encenação e um roteiro que em muitos momentos não percebemos que somos autores dos mesmos. Nesse sentido, o que queremos questionar é essa a violência que surge entre “iguais”, já que ocorre um paradoxal processo em participar das identidades que criamos, incluir-se ou ser incluída nela, mas que torna-se necessário excluir muitos outros “iguais” para que essa mesma identidade se efetive, que ela aconteça. Como nos lembra Veiga-Neto (2011), as mais diversas formas de inclusão em muitos momentos esquecem da multiplicidade que uma única identidade pode ter, produzindo exclusões dentro de grupos já são considerados excluídos... e não seria a lampadada uma contra resposta para responder a tais processos?

Mas, afinal, nesse digladiar desenhado pelas próprias bichas, quem poderia vencer essa batalha? Difícil responder. Na verdade, isso nem importa, pois o que toma importância é o espetáculo proporcionado pela lampadada. Como gladiadoras modernas (que não são necessariamente musculosas, viris, prontas para a morte para apreço do público em geral, mas que sempre estão prontas para um espetáculo), elas querem apenas dar uma lâmpada em outra bicha como um ato de convivência, interação e (des)aceitação de grupo... pois digladiar-se é preciso para sobreviver.

Nesse sentido, as bichas por muitas vezes tornam-se mais eficazes que um sistema judiciário, que uma corporação policial, que um sistema ditatorial, justamente por trabalharem em sistemas microscópicos, rápidos e eficazes na ação do poder/saber. Guattari nos lembra que somos todos grupelhos, ou seja, fazemos questão de nos dividir e subdividir na produção de espaços cada vez mais segregadores em nossas práticas, pois este “é meu grupo, é minha tendência, [...] a gente que tem razão, [...] a gente se faz existir contrapondo às outras linhas” (1981, p. 16). Nem é preciso lembrar como as bichas são ótimas nessa ação: por uma noção de causa justa, bom mocismo, valorização do



bem geral da nação, a lampadada é um ato que se justifica enquanto político: “Obtém-se assim, uma valorização fervorosa de um mundo imaginário material e familiar, entrecortado por valores viris, que tendem à [...] promoção de um ideal de amor mítico, uma mágica do confronto e da saúde que mascara uma negação da finitude e da morte” (GUATTARI, 1981, p. 13).

Em nome de um bem maior, não fazemos questão de muitas de nossas atitudes, mas fazemos questão que o outro, com semelhanças e diferenças, seja morto por nossas ações, práticas, discursos e modos de pensar. No livro *Para além do bem e mal*, Nietzsche nos lembra “como somos felizes, nós, homens do conhecimento, desde que saibamos manter silêncio por algum tempo!” (NIETZSCHE, 2009, p. 9). Nesse sentido, as bichas também se tornam homens de conhecimento ao utilizarem as práticas da lampadada em nome de um bem, uma causa que busca higienizar as identidades bichas... e como tais atitudes são capazes de calar tantas outras.

Essa é uma lógica que muito se assemelha ao linchamento, uma vez que a bicha que nos propomos a dar uma lampadada é algum tipo de criminoso que precisa ser punido imediatamente. Assim, nos tornamos cúmplices do assassinato que promovemos, mesmo que tal morte se faça em caráter simbólico. Tiburi, a respeito da violência promovida pelo linchamento, nos diz que “já sabemos da banalidade da vida e da morte em nossa cultura. Mas o que autoriza uns e outros ao assassinato? O aval. É a mesma lógica da corrupção generalizada. Porque ‘o outro faz, eu também estou autorizado a fazer’” (TIBURI, 2014, p. 8). Ou seja, se uma bicha nos oferece gratuitamente uma lampadada, estamos no direito de exercer o mesmo poder contra ela, nem que para isso a lâmpada erre seu alvo e atinja outra que está por perto.

Assim, não temos medo de afirmar como nós, bichas, também somos amantes do fascismo e fazemos questão que a outra se faça morrer no nosso cotidiano: Hocquenghem (1980, p. 102) afirmou que “preferimos o mictório e a humilhação, em vez das famosas rosas do grande amor”. Com todo respeito ao autor, mas parece-nos que a lógica inversa também é possível de linchamento pelas próprias bichas, já que também preferimos as famosas rosas do grande amor em vez do mictório e da humilhação. Não está em questão comparar o mictório com as rosas ou saber qual das duas situações são capazes de produzir mais prazer que a outra, mas entender que ambos são processos advindos de escolhas e consequências, apresentando vantagens e desvantagens para uma que se aventura nesses mesmos terrenos: Cabe à outra julgar a atitude mais correta? Cabe à outra deferir uma lampadada na bicha que não pensa como igual? Como é possível afirmar outras redes de amizade e solidariedade com as bichas que tecem esses fios de poder a partir da lampadada?



Em muitos momentos nos tornamos os mesmos agentes daqueles que tanto execramos, homofóbicos de plantão, esperando que a primeira lâmpada exploda na cara de uma bicha... Mas isso, é claro, em nenhum momento significa que não estamos aprendendo algo.

3. Digladiar-se também é (des)educativo

Permitir-se a dar e receber uma lâmpada, portanto, é também a fiação de um interessante processo (des)educação no/com/do fazer bicha. Hocquenghem nos pergunta “por que é preciso que todas as pessoas que vivem em comunidade sejam tão desesperadamente humanistas? Por que pessoas que se detestam sempre se aprisionam em ‘relações’?” (1980, p. 99). Realmente: por que as bichas precisam se amar para conseguir viver em comunidade, harmonia, paz e amor? Elas realmente querem que isso aconteça? É realmente necessário?

A lampadada, em seu curioso ato de violência, parece ter muito a nos ensinar do que propriamente se fechar enquanto um módulo do fascismo. Silva (2005) nos lembra que os processos educacionais também acontecem e tomam importância fora dos espaços formais de ensino e educação, como a escola e a universidade, pois eles nunca estão fechados em si mesmos, mas se conectando com sujeitos, problemas e questões que envolvem a sociedade que a refaz, desfaz, constrói e desconstrói. Com este autor percebemos que escola não é um espaço criado somente para a obtenção de notas e acúmulo de conhecimento, gradeado pelos currículos escolares, pois currículo é entendido como relação de poder, intimamente relacionado a processos de significação com um outro. Pedindo permissão ao autor, recortamos um trecho de sua obra *Documentos de identidades*, substituindo o termo *o currículo* por *a lampadada*, apostando em como tais palavras têm forte relação no fazer curricular das bichas:

A lampadada tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. *A lampadada* é lugar, espaço, território. *A lampadada* é relação de poder. *A lampadada* é trajetória, viagem, percurso. *A lampadada* é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: na *lampadada* se forja nossa identidade. *A lampadada* é texto, discurso, documento. *A lampadada* é documento de identidade. (SILVA, 2005, p. 150)

Nesse sentido, digladiar-se com a outra bicha, atacar um “igual” é um processo (des)educativo, que curriculariza modos de ser e estar no mundo, fazendo e desenhando práticas aceitáveis, desejáveis e/ou repugnantes para/com as bichas. Existem conhecimentos e modos de produção bicha que simplesmente são ignorados por elas, recusando-se a aproximar-se daquilo que negam... e a lampadada não está longe disso. Louro nos diz que entender a vontade de ignorar



determinadas atitudes nos nossos currículos torna-se um importante processo de compreensão do que produzimos para nós. “O que há para aprender com a ignorância?”, nos pergunta a autora (2005, p. 69). Pois bem: O que há para aprender com a lampadada? Por que criamos esse tipo de espetáculo? Com que finalidade nos propomos a querer matar e amar a outra ao mesmo tempo?

Sim, a lampadada é um importante fator (des)construtor das verdades que produzimos e cristalizamos para nós, tornando-se um forte avaliador daquilo que é criado e coletivizado pelas bichas. Para falar das mudanças que nos propomos em nossos currículos, Skliar nos diz que é preciso desapaixonar-se do objeto com o qual nos propomos a afetar e ser afetado, pois apostar em um silêncio, uma longa espera, deixar de vibrar com aquilo que parecia tão empolgante é também “abandonar a homodidática para heterorelacionar-se” (2003, p. 20). Há um “quê” de gangue na lampadada bicha, como sinalizam Corazza e Silva (2003), nas quais se fazem uma série de funções e ações anônimas, impessoais, coletivas e sempre de alguém para outra pessoa, produzindo redes. Aprende-se algo com a gangue, que transversaliza as relações e questiona as barreiras com as quais produzem sendo, assim, necessário sair de suas zonas de conforto para produzir algo novo. A bicha não foge disso, pois a lampadada é um ato de saída de si, de seus grupos, para a criação de novos caminhos errantes e utópicos... e no retorno ao ponto de partida esses mesmos sujeitos nunca mais serão o mesmo.

Viventes-vadios de uma gangue curricular, anti-identitários, em metamorfose perpétua, eles têm velocidade extensiva e movimento intensivo, às vezes, de movimento rápido, sem que seja de velocidade, às vezes, de velocidade lenta, ou mesmo imóvel, sem que deixem de ser velozes, que podem surgir num ponto qualquer do campo curricular, e que até entretêm relações biunívocas entre si e com os adversários (Estado, donos de escola, empresários, terceirizados). (CORAZZA e SILVA, 2003).

Questionar a lampadada é também se propor a criar um currículo louco, como afirmam mais uma vez Corazza e Silva (2003), quando nos propomos a problematizar a lampadada no fazer bicha. Esse tipo específico de currículo se propõe a uma implosão da interioridade dos pensamentos que perpassam seus fazeres insensatos, que o incapacitam de sair de lugares já habitados, viciados... não problematizados. Foucault (1985) nos lembra como a hipótese repressiva para/com a sexualidade é uma construção social que não permite a mudança das verdades que criamos para ela. Na verdade, nunca se falou tanto sobre e nunca o sexo esteve tão presente em nossas vidas, pois o que vale no jogo de poder para/com a sexualidade é permitir que ela esteja nos mais diversos lugares. É aí que a lampadada se insere no fazer da bicha, pois achamos que ela acontece debaixo



dos panos, mas está escancarada nas nossas caras, gritante aos nossos olhos (se isso nos afeta ou nos move a algo diferente? Bem, aí é outra questão).

Problematizar tais práticas torna-se um ato político, que começa nas menores atitudes de nosso cotidiano: política não faz parte de nosso dia-a-dia, mas ela é o nosso dia-a-dia, bem como nos aponta Lourau.

Bom, mas em caso de crise, o que fazemos?

Lutamos sozinhos, a dois, a três, a dez, a vinte, para que *todas* as pessoas envolvidas na situação se encontrem, falem de si, reconheçam juntas os analisadores da situação, decidam coletivamente... (LOURAU, 2004, P. 125)

4. Para finalizar: o que fazer quando ver bichas trocando lampadadas na rua?

Se há uma obra cinematográfica que muito se relaciona com uma noção de “fascismo” que queremos discutir nesse texto é a do diretor Quentin Tarantino. Seus filmes retratam jornadas de vingança, cujos coadjuvantes passam por mais de duas horas de filme planejando, executando e produzindo consequências das vinganças que desejam fazer acontecer. Entre armas, sangue, degolamentos, mutilações e sofrimentos até a morte, ficamos na cadeira do cinema aflitos, angustiados, torcendo, sorrindo... enfim, fazendo parte daquele momento, porque também desejamos que aquele espetáculo aconteça: essas vinganças não são exclusivas dos personagens, mas também são nossas. Logo, o fascismo não se faz somente com os personagens em tela, pois também queremos a morte do outro se efetive e esse espetáculo também é nosso justamente por se conectar com tantas outros sujeitos e modos de vida.

Nada escrito neste texto é necessariamente algo que pertença somente às bichas, pois querer a morte do outro é algo que Foucault muito nos ensinou ao lembrar do fazer viver e deixar morrer presentes em nosso dia-a-dia e dos fascismos, racismos e preconceitos que nos atravessam. O recorte se faz, porém, na condição de bicha que nos encontramos e na necessidade de problematização das nossas práticas e fazeres no/do cotidiano, além de questionar como tais práticas incidem e afetam nas vidas que esbarramos. Não negamos, enquanto autores/bichas nesse texto, que também produzimos micro-fascismos, que criamos critérios de inferioridade e superioridade entre as bichas das mais diversas formas (seja pelo tamanho do pau, seja por irmos ou não com a cara da outra, seja por acharmos bonita ou feia, entre outros), que afastamos ou



repulsamos as mais diversas formas de ser bicha a partir desses critérios e nem que, para isso, levantemos nossas lâmpadas contra as outras que querem nos atacar. Mas é questionando este jogo que nós bichas mesmas criamos que podemos perceber que o defender-se e o atacar das lâmpadas são consequências dos jogos de poder que criamos em nas nossas relações com o outro que parece tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante.

Por isso, não nos propomos com este texto produzir ódio contra as bichas ou mais rivalidades, muito menos em amaldiçoar o lugar ocupado por elas ou impedir que a lampadada aconteça entre elas (mesmo porque ela se caracteriza como um curioso espaço de ensino e aprendizagem que constituem modos de ser e estar no mundo). A lampadada também parece ser um curioso analisador das práticas do cuidado de si que, como Foucault (2004) nos lembra, consistem nas formas como nossas práticas incidem e se fazem acontecer no/com outro com o qual nos conectamos em nossas relações, sendo este um ponto e um espaço de análise e indagação. Assim, as redes de amizades e afetos construídos pelas bichas são importantes meios de indagação de seus processos e de seus fazeres e é aí que ela consegue questionar suas práticas, ou seja, as formas como seus saberes, poderes e fazeres são capazes de incidir, afetar e produzir a vida da outra bicha... e a lampadada está intimamente ligada a isso, abrindo e fechando espaços de relação com a outra.

É assim que toma força e importância um movimento de estranhamento dos currículos que produzimos, das verdades e das práticas que queremos efetivar. Louro nos diz que “quando pretendemos ‘estranhar o currículo’, nosso movimento [...] seria de desconfiar do currículo (tal como ele se apresenta), tratá-lo de modo não usual; seria um movimento para desconcertar ou transformar o currículo” (2004, p. 64). Portanto, torna-se necessário todo um movimento de indagação e problematização da lampadada em nossas vidas, da forma como nos permitimos a matar o outro/igual em nome de fatores com os quais nem sabemos os porquês de estarmos aliados a eles. Não trazemos o ato da lampadada somente como ato de violência, mas questionamos tudo que está em torno dela, o que cria e o que move para ela aconteça. O que problematizamos aqui é como, quando, onde, por que causas, razões, motivos e circunstâncias elas ocorrem, pois desejamos que as bichas como sujeitos de suas ações, responsáveis e agentes de seus atos. Mas como podemos desenhar novos modos do fazer bicha? Como declarar guerra aos biopoderes que criamos para nós mesmos? Sem dar respostas definitivas, Zamora (2008) parece nos apresentar algumas pistas:

Não há caminho senão resistir. Mesmo o “muçulmano”, em seu casulo suspenso, onde não distingue frio de pancada, grosseria de fome, está de alguma forma longe da possibilidade



de ser magoado ou maltratado. Inacessível à crueldade, indiferente, é imune a seu algoz. Matá-lo não é crime, mas também não é vantagem.

Talvez só possamos traçar os planos dessa guerra, novas estratégias, se formos capazes de reconhecer que é aí mesmo onde reina a biopolítica que resiste a biopotência. Que nunca foi “tudo dominado”: que ali onde o poder decretava vitória, a vida pulsava, as cinzas fumegavam, desejos se juntavam.

Exercer o pensar, ousar pensar. Ousar perguntar pelo arranjo de tudo, por Deus e pelos homens, como Estamira no meio do lixo. Espoliada, embora ela se ergue contra o “esperto ao contrário”, a estupidez e o cinismo de uma “civilização” antívida. (ZAMORA, 2008)

Por isso, se você ver uma bicha dando lampadada em outra na rua, não ouse tentar interromper ou ajudar... Afinal, ambas querem que este momento que estão vivendo aconteça. Mas o trunfo nesta situação parece estar em produzir modos outros capazes de questionar essa mesma violência, revoltando-se contra o que parece dado, naturalizado em nossas vivências, como Estamira (ou melhor, um Devir-Estamira), que reage contra os espertos-ao-contrário, contra aqueles que escondem a mão após atirar a pedra... ou, como em muitos momentos, atirar uma lâmpada.

Referências

25 tipos de gays. Disponível em: <http://doisperdidosnanoite.blogspot.com.br/2010/12/25-tipos-de-gays.html>. Acesso em 16 de agosto de 2014.

BAPTISTA, Luiz Antonio dos Santos. *A cidade dos sábios: reflexões sobre a dinâmica social das grandes cidades*. São Paulo: Grupo editorial Summus, 1999.

COLLINS, Suzanne. *Jogos vorazes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

CORAZZA, Sandra; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DRAG a gozar, A. Direção de Kiko Cesar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tAbXi9xpY-8>. Acesso em 16 de agosto de 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

LOURAU, Rene. Pequeno manual de análise institucional. In: ALTOÉ, Sonia. *Rene Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Huatec, p. 122-127, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



MACEDO, Leticia. *Grupo usou lâmpadas como bastão para agredir jovem na Paulista*: pelo menos três pessoas foram vítimas de grupo na manhã deste domingo. Polícia deteve cinco e investiga se agredidos foram vítimas de homofobia. Disponível em: g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/11/grupo-usou-lampadas-como-bastao-para-agredir-jovens-na-paulista.html. Acesso em 16 de agosto de 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TIBURI, Marcia. Linchamento: cumplicidade e assassinato. *Cult.* São Paulo, agosto de 2014, ano 17, v. 193, p. 8.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In. LAROSSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 105-118.

ZAMORA, Maria Helena. Os corpos da vida nua: sobreviventes ou resistentes?. *Lat.-Am. Journal of Fund. Psychopath.* São Paulo, v.5, n. 1, p. 104-117, 2008.

